

Machado de Assis

Cultura

Critica

revista cultural da apropuc-sp nº 5 - 1º semestre de 2007

Contos

Rubem Fonseca

Contos

Lima Barreto

Triston Treviñan



# Editorial

## Longo percurso narrativo

Nesta “Cultura Crítica”, caminhamos com o conto por mais de um século. De Machado de Assis a Guimarães Rosa; de Lima Barreto a Alcântara Machado; de Cecília Meireles a Hilda Hilst; de Jorge Amado a Rubens Fonseca. Osman Lins, Dalton Trevisan, João Antônio e Ignácio de Loyola Brandão.

O leitor da “Cultura Crítica” trará à memória outros contistas que deveriam ocupar nossas páginas. Júlia Lopes de Almeida, João do Rio, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Autran Dourado...!

Temos extraordinários contistas que captaram e conceberam histórias com profunda observação da realidade social, histórica e psicológica que não puderam estar aqui. Mas, acreditamos que os estudiosos que se propuseram a comentar os contistas desta edição souberam selecionar escritores do passado distante, do passado recente e também do presente.

A “Cultura Crítica” procura mostrar a importância do conto em nossa literatura e na vida social. Por isso, o critério de seleção foi o de comentar contistas de várias épocas. Não houve preocupação com escolas literárias ou com identidade ideológica dos escritores. Há casos em que pesamos aspectos de época e de lugar do contista na história da literatura brasileira.

Com os artigos prontos – um universo de quatorze contistas, considerando a comparação entre João Antônio e Luandino Vieira, de Vima Lia Martin –, constatamos uma rica amostragem da narrativa curta e de tensão dramática concentrada. Variações temáticas, estilos distintos, procedimentos narrativos diversos construindo um mundo de personagens em conflito são passíveis de serem observados em conjunto nos ensaios críticos.

Há marcas acentuadas de estrutura narrativa que dão destaque a alguns escritores quanto às rupturas e transformações do conto. Acreditamos ser o caso de Machado de Assis, Alcântara Machado, João Guimarães Rosa e Dalton Trevisan.

Com a urbanização, iniciada no Brasil em fins do século XIX, o conto se manifestou como uma forma ágil e cativante. Lima Barreto o teve, ao lado de seus romances e crônicas, como arma da observação satírica e irônica das relações humanas mercantilizadas. Alcântara Machado veio a ser o contista por excelência do modernismo – seus contos são verdadeiros documentos da formação de São Paulo, dos bairros ocupados por imigrantes italianos. É um primor de síntese. Dalton Trevisan trouxe à tona as neuroses de uma bem arrumada e pacata Curitiba. Mas, Guimarães Rosa fez do conto uma peça rara de construção narrativa. Não são as personagens urbanas que protagonizam as tragédias, mas sim as do sertão de Minas.

Poderíamos fazer outras considerações a respeito do urbano e do rural que são expressos na história do conto brasileiro, mas não vem ao caso.

O leitor encontrará um estudo do escritor português José Saramago e um estudo comparativo de Vima Lia, já mencionado, que analisa o escritor africano Luandino Vieira. Os demais são brasileiros. Esses ensaios enriquecem a “Cultura Crítica”, dedicada ao conto brasileiro.

Lembramos que editamos este número no momento em que se comemoram os 100 anos do nascimento de João Guimarães Rosa e os 100 anos da morte de Machado de Assis.

*Erson Martins de Oliveira*

A revista Cultura Crítica é uma publicação semestral editada pela Apropuc, com tiragem de 2.000 exemplares.

### **Diretoria da Apropuc**

**Presidente:** Priscilla Cornalbas

**Vice-presidente:** Sandra Gagliardi Sanchez

**1º secretário:** Erson Martins de Oliveira

**2ª secretária:** Maria Beatriz Costa Abramides

**1ª tesoureira:** Victória Claire Weischtordt

**2º tesoureiro:** Carlos Alberto Shimote Martins

**Suplentes:** Hamilton Octavio de Souza e Ivan Rodrigues Martin

### **Editor Geral**

Erson Martins de Oliveira

### **Conselho Editorial**

Carlos Alberto Shimote

Erson Martins de Oliveira

Victória Claire Weischtordt

### **Equipe da Revista**

#### **Editor**

Ricardo Melani (M1PS 26.740)

#### **Preparação**

Gabriel Kolyniak

#### **Projeto Gráfico e Capa**

Ricardo Melani

#### **Editores eletrônica**

Gustavo Tortelli

#### **Arte final**

Mauro Teles

#### **Ilustrações**

Ana Aly

APROPUC-SP - Rua Bartira, 407 - CEP 05009-000 - Perdizes

Fones: 3872-2685, 3865-4914 [apropuc@uol.com.br](mailto:apropuc@uol.com.br) • [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br)

# SUMÁRIO

▶ Rosa: palavra, canto, magia _____	4
Carlos Eduardo Siqueira Ferreira de Souza	
▶ “Entre Santos”, de Machado de Assis: Um conto fantástico? _____	10
Maria Rosa Duarte de Oliveira	
▶ Lima Barreto, o contista – considerações sobre o conto “O filho da Gabriela” _____	17
Pedro Santos da Silva	
▶ Antítese, paradoxo e Cecília Meireles: simbiose narrativa _____	25
João Hilton Sayeg de Siqueira	
▶ A página-palco de “Entrevista”, em <i>contos reunidos</i> , de Rubem Fonseca _____	31
Maria José Palo	
▶ Do recente Milagre dos Pássaros: um conto de Jorge Amado _____	36
Edilene Dias Matos	
▶ Literatura: esse cinema com cheiro – Alcântara Machado _____	43
Valdevino Soares de Oliveira	
▶ Realismo e paródia em Dalton Trevisan _____	54
Eduíno José de Macedo Orione	
▶ O universo fabular de Dalton Trevisan _____	61
Erson Martins de Oliveira	
▶ Entre o contar e o escrever: uma homenagem ao espaço _____	66
Maria Aparecida Junqueira	
▶ Na porta a placa: Osman Lins Professor de Literatura Brasileira _____	76
Dagoberto Buim Arena	
▶ O realismo mágico de Ignácio de Loyola Brandão: o leitor na fronteira do era-não-era _____	80
Juliana Loyola	
▶ Entre o céu e as caldeiras: espectros desconstrutivos em “Agda” de Hilda Hilst _____	85
Lília Loman	
▶ Crônica ou conto? O escritor e o crítico José Saramago _____	92
Vera Bastazin	
▶ Modos de contar mundos: notas sobre os contos de João Antonio e de Luandino Vieira _____	98
Vima Lia Martin	



# Rosa:



palavra,  
canto,  
magia



**Carlos Eduardo Siqueira Ferreira de Souza**  
*Professor do Departamento de Arte da PUC-SP e mestrando  
do Programa de Pós-Graduação em Crítica Literária da PUC-SP*

Viajagens por infâncias, caminhos áridos do sertão, amores tênues e tenazes, risos marotos de malandros, universos encantatórios e transcendentais de místicos e supersticiosos. São diversas as estradas percorridas pelas personagens dos contos de Guimarães Rosa, e de natureza igualmente plurissignificante seus deslocamentos, apesar de os caminhos circunscreverem uma mesma região geográfica, o sertão mineiro. Não se trata, porém, de um território limitado e limitante, mas sim de um espaço revisto e transcriado pelo signo poético, verdadeiro elemento unificador da obra de Rosa. Não se pretende, com tal afirmação, privilegiar unicamente as experiências radicais do prosador mineiro em torno da linguagem, mas sim tentar compreender como se manifesta literariamente o sertão roseano. Para tal empreitada, nada mais justo do que concentrarmos nossas considerações sobre a obra de estréia em prosa do autor: a coletânea de novelas *Sagarana*, escrita entre 1937 e 1945, e lançada em 1946.

O desafio de analisar a obra já se evidencia pela dificuldade inicial de compreender o gênero a que pertencem as narrativas. Embora seja geralmente classificado como um livro de contos, é mais seguro considerar *Sagarana* como um volume de novelas, uma vez que cada um dos nove textos que o compõem obedece a uma estrutura característica. Geralmente há, na narrativa, um eixo central (como o passeio de José pelo mato das Três Águas, em “São Marcos”; as artimanhas de Maria Irma para se casar com Ramiro, em “Minha gente”; a travessia da boiada, em “O burrinho pedrês”; ou a partida e o retorno de Lalino ao arraial, em “A volta do marido pródigo”), ao longo do qual surgem outras histórias e personagens, menores, mas essenciais para o desenvolvimento da ação principal. Essas pequenas histórias, que se entremeciam na fábula, apesar de curtas, são geralmente fundamentais para compreender, por exemplo, aspectos das personagens (como as anedotas que revelam a malandragem do personagem Lalino, em “A volta do marido pródigo”), do ambiente (como os casos contados pelo narrador-

personagem José, destacando o misticismo do lugarço de Calango-Frito, em “São Marcos”), ou do próprio enredo central (como a narrativa do balseiro sobre os patos e o gavião, que prenuncia o destino dos personagens Turíbio e Cassiano, em “Duelo”). Essa estrutura que compreende pequenas histórias dentro de uma mesma história é, aliás, um elemento comum a todas as novelas de *Sagarana*, e que as aproxima das narrativas de tradição oral. Exige, dessa forma, um leitor atento não só à trama das novelas, mas também aos vários casos, anedotas e lembranças contados por personagens ou pelos próprios narradores.

Além da presença dessas sub-histórias em *Sagarana*, destacam-se também as epígrafes que precedem cada novela, retiradas não de obras representativas da tradição literária, mas sim de textos orais. Guimarães Rosa explora esse artifício de maneira a estabelecer uma relação profunda entre o enredo ou o tema da história e aquilo que constitui a própria epígrafe. Dois exemplos que ilustram esse emprego são os fragmentos que abrem o livro. O primeiro: “Lá em cima daquela serra / passa boi, passa boiada, / passa gente ruim e boa, / passa a minha namorada”, uma quadra de desafio, apresenta, de maneira simbólica, aspectos presentes em todas as novelas: o primeiro verso sugere o espaço físico – as montanhas e os planaltos de Minas Gerais – no qual as tramas são ambientadas; o segundo antecipa temas recorrentes na obra, como o boiadeiro, a boiada e os animais; o terceiro revela a variedade e a complexidade das personagens, “gente ruim e boa”; e o último insinua o lirismo das narrativas. A segunda epígrafe (“‘For a walk and back again’, said / the fox. ‘Will you come with me? / I’ll take you on my back. For a / walk and back again’”), por sua vez, retirada de uma “estória para meninos”, consiste na fala de uma raposa que convida o interlocutor para um passeio em suas costas. Esse passeio, proposto por um animal caracterizado pela malícia e pela astúcia, representa um convite do próprio autor – um contador de histórias –, que propõe ao leitor uma

